Análise MENSAL

Macroeconomia

FEVEREIRO DE 2019

1. INTRODUÇÃO

O Banco Mundial e o FMI estimam que a economia deve ter seu ritmo reduzido em 2019 e 2020, com crescimento menor na Europa e nos emergentes e estável na China e EUA. Como 2018 foi muito bom para a economia, não é uma notícia para causar preocupação.

A contenda comercial entre EUA e China pode se aproximar do fim, com a China anunciando que não haverá guerra cambial e os EUA anunciando que o acordo está próximo de ser terminado.

A Comissão europeia clama por mais investimentos, no que seria uma reposta anti-cíclica ao momento de incertezas. Pontuou, também, outros problemas, como o envelhecimento da população.

O Indicador de Clima Econômico da América Latina registrou melhora na passagem do trimestre encerrado em outubro de 2018 para o trimestre terminado em janeiro de 2019. O país que evoluiu nesse índice foi o Brasil, que passou de -33,9 para +3,6 pontos em janeiro, puxado pela expectativa positiva.

O governo brasileiro começa a anunciar suas primeiras grandes propostas: o pacote anticrime, com foco na segurança, e a reforma da previdência, voltada para a economia.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

A disputa entre EUA e China está perto de chegar ao fim, segundo o presidente americano Donald Trump. De acordo especulações da mídia, esse acordo garantiria que a China compraria produto norte-americano, o que seria muito ruim para o exportador brasileiro, que poderia perder uma boa fatia do mercado chinês.

O Federal Reserve (FED) anunciou algumas mudanças que são vistas com bons olhos pelo governo Trump, como a meta de 2% de inflação, que se manteve. No entanto, o FED deve buscar mais fortemente atingir esse nível mesmo em situações em que a inflação ficar muito baixa, como ocorreu nos últimos anos.

Isto posto, há de se dizer que tal fato abre a possibilidade de uma queda de juros, o que aumenta a demanda americana por produtos norte-americanos.

Foram criados 304.000 novos postos de trabalho em janeiro nos EUA, o que mostra que a economia segue aquecida. Somando-se isso aos ganhos salariais, a economia americana segue aquecida, um bom sinal para os produtores brasileiros de café.

O dólar deve continuar valorizado, pois com a proximidade de conclusão do acordo com a China, o mercado deve continuar confiando nos Estados Unidos.

A União Europeia está debatendo o futuro de sua Política Agrícola Comum (PAC), que vai valer a partir de 2021. O presidente francês, Emmanuel Macron, defendeu uma política de ainda mais subsídios, agora também pela questão ecológica.

Já o Brexit deve continuar sendo uma incógnita: se a premier britânica Theresa May não consegue um acordo acerca da saída da Inglaterra do bloco, há ainda a possibilidade de adiamento dessa separação.

O crescimento da China neste trimestre deve cair para 6%, o pior resultado em quase três décadas, mostrando que as reformas feitas por Xi Jinping, que buscavam uma economia mais liberal e menos dependente dos investimentos governamentais, não estão decolando.

A Índia cortou juros e afrouxou sua política monetária, o que afetou a credibilidade de sua política, por colocar a independência do Banco Central em dúvida, por vir antes de uma eleição.

Japão e Vietnã celebrarão um acordo no qual os japoneses investirão em diversos setores, entre eles a tecnologia no campo. Como grande importador de café, essa posição pode prejudicar o Brasil, que exporta cerca de 25% da quantidade de café importada pelo Japão.

A Tailândia está sofrendo com a moeda valorizada e com a guerra comercial entre EUA e China, com queda nas exportações em mais de 14%, puxada por produtos como açúcar, arroz, mandioca e borracha.

O Chile segue em um cenário muito bom, com inflação controlada e crescimento da

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251

demanda interna, porém, com um problema quanto aos gastos do governos. Para o Brasil, isso significa uma maior demanda por tratores, carne e ração, além de outros tipos de automóveis.

A Argentina segue sofrendo com a inflação, que acaba prejudicando a economia como um todo: a produção industrial no país vizinho caiu 14,7% em 2018. Uma boa notícia são as chuvas, que devem trazer uma boa safra de soja – o que não é uma boa notícia para o produtor brasileiro.

Os preços do petróleo voltaram a subir após a mínima vista no período natalino, indo para US$58 o barril. A situação na Venezuela pode gerar um aumento ainda maior.

Os preços agrícolas aumentaram bastante, face à expectativa da resolução da disputa EUA-China. Assim, o índice da FAO de alimentos cresceu 3% em janeiro, puxados pelos preços dos óleos vegetais e lácteos. O açúcar também subiu, graças ao real mais forte diante do dólar.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 22 de fevereiro, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa reduzida para 2,48%, com o mercado ainda esperando sinalizações positivas acerca das reformas que o governo se propôs a fazer.

Ainda segundo esse relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,85%, abaixo da meta de 4,25%. A expectativa de inflação foi diminuída pois a inflação em janeiro ficou abaixo do valor que o mercado havia estimado.

O dólar iniciou fevereiro cotado a R$ 3,66 e chegando no atualmente a R$ 3,75, pois o mercado adotou uma postura mais favorável a essa moeda com o possível acordo entre EUA e China, o que fez o real se desvalorizar frente ao dólar. Após esse acordo, como o FED anunciou que não deve subir os juros em breve, a moeda brasileira deve voltar a se valorizar frente ao dólar.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom apesar dos aumentos de juros futuros, considerando que a inflação está em níveis confortáveis e que a política monetária deve estimular a economia.

O desemprego de dezembro ficou em 11,6%, significando 12,2 milhões de desempregados. O resultado anualizado mostrou um desemprego de 12,3%, contra 12,7% em 2017. Isso mostra que o desemprego está em queda e esse valor menor em dezembro mostra que a tendência continua sendo de queda.

As exportações do agronegócio brasileiro em janeiro foram de US$6,63 bilhões, sendo esse valor 7,4% acima da exportação de janeiro de 2018. O principal destino foi a Ásia, que respondeu a quase metade desse valor, destacando-se a China. A União Europeia foi o segundo destino dos produtos do agronegócio brasileiro, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

A balança comercial brasileira teve no mês de janeiro um superávit de 2,1 bilhões de reais. Em comparação com o ano passado, tanto exportações como importações foram maiores em 2019, com a importação crescendo mais. Houve aumento nas vendas de celulose, açúcar, suco de laranja e grãos de milho e soja; já a importação de adubos e fertilizantes aumentou bastante, o que é uma boa notícia para a agricultura nacional.

A Conab tem a expectativa de exportações de soja de 2019 menores que as de 2018, e projeta a saída do País de 71,5 milhões de toneladas da oleaginosa.

O preço das commodities, segundo o IC-Br, calculado pelo Banco Central, subiu 0,42% na comparação com novembro com as commodities agropecuárias tendo o maior crescimento no mês, subindo 2,90%, seguidas por metais, que subiram 2,86%.

O uso de produtos biológicos no controle de pragas e doenças cresce no Brasil. Dados da ABCBio (Associação Brasileira de Biodefensivos Agrícolas) estima que esse mercado cresce rápido, com mais de 170 produtos registrados, contra praticamente zero na década passada.

A Frente Parlamentar Agropecuária defendeu que projetos de logística e infraestrutura no Brasil sejam de longo prazo e passem a ser tratados como políticas de estado, passando de um governo para outro. Entre os temas discutidos durante a primeira reunião da FPA do ano, estão a regulamentação do frete, licenciamento ambiental e o porte de arma no campo.

Leandro Menegon Corder – Analista de Mercado E-mail: leandro.corder@conab.gov.br Tel: (61) 3312-6251